TRABALHO E PANDEMIA: os impactos da COVID-19 na atividade artesanal em São Luís

Júlia Cristina Lucas Leite[1]

Ângela Roberta Lucas Leite[2]

RESUMO

Objetiva-se com este trabalho analisar os impactos da pandemia na atividade artesanal de trabalhadores da Feirinha São Luís, no estado do Maranhão. A metodologia constituiu-se de uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, cuja coleta de dados se deu por aplicação de questionários com 14 trabalhadores que produziam e vendiam produtos artesanais na referida feirinha. Levou-se em conta o perfil dos participantes, os impactos da pandemia e a retomada das atividades da Feirinha São Luís. Os dados apontaram que a pandemia incidiu sobre a classe trabalhadora de artesãos da Feirinha São Luís com a paralisação de suas atividades, que buscaram alternativas de incrementar a renda, como a obtenção do auxílio emergencial. Porém, nem todos tiveram a chance de obtê-lo. Os entrevistados ainda enfatizam que com a retomada das atividades esperam ações mais efetivas e contínuas de enfrentamento aos efeitos da pandemia por parte das entidades governamentais.

Palavras-chave: Trabalho. Pandemia. Artesanato. Feirinha São Luís.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the impacts of the pandemic on the artisanal activity of workers at Feirinha São Luís, in the state of Maranhão. The methodology consisted of a qualitative approach, with an exploratory objective, whose data collection took place through the application of questionnaires with 14 workers who produced and sold handmade products in the aforementioned market. It took into account the profile of the participants, the impacts of the pandemic and the resumption of activities at Feirinha São Luís. alternatives to increase income, such as obtaining emergency assistance. However, not everyone had a chance to obtain it. Respondents also emphasize that with the resumption of activities, they expect more effective and continuous actions to confront the effects of the pandemic by government entities.

Keywords: Work. Pandemic. Craftsmanship. Feirinha São Luís.

1 INTRODUÇÃO

[1] Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Graduanda em Ciências Econômicas; julialeitecristina.03@gmail.com.

[2] Universidade Federal do Paraná (UFPR); Doutoranda em Políticas Públicas; angelarobertalucas@gmail.com.

As feiras representam um espaço não somente de cunho econômico, como também possuem aspectos sociais e culturais, conforme os anseios daqueles que as frequentam, de acordo com o que destaca Telles et al (2017, p. 4):

> A feira é um ambiente complementar ao cotidiano, influenciando na sociabilidade daqueles que compõem o lugar. O fato do *lócus geográfico* ser urbano e público possibilita que os indivíduos circulem de maneira livre e espontânea, além de despertar um sentimento de pertencimento, tanto pelos que vendem como pelos que consomem, visto que o espaço proporciona uma maior interatividade entres os sujeitos, fortalecendo as relações sociais que se desenvolvem.

O projeto Feirinha São Luís ocorre no centro histórico da cidade de São Luís, aos domingos, especificamente na praça Benedito Leite, cujos objetivos são a divulgação e comercialização de produtos que são produzidos pela agricultura familiar, a difusão da gastronomia e do artesanato local, além de fomentar a cultura regional do estado e fortalecer a cadeia produtiva. Observa-se que no espaço é oferecido uma variedade de comidas regionais, produtos artesanais e atrações culturais, com apresentações musicais e grupos tradicionais.

Nesta perspectiva, o projeto de âmbito municipal, que funciona desde 2017, também tem servido para atrair moradores e turistas, conforme destaca Santos, Santos e Marques (2020, p. 1037): “[...] além de ser frequentado por moradores, é um estímulo para que turistas visitem o centro histórico, assim como apreciar a arte e a culinária local, além de movimentar a economia”.

Com o atual cenário imposto pela COVID-19, vários segmentos que compõem a base para o desenvolvimento da sociedade, em específico o setor econômico, entraram em colapso. Observou-se então o efeito cascata da não captação de renda mediante as medidas de prevenção de propagação do vírus, o isolamento e distanciamento social. A respeito disso, Leite (2020, p. 13) ressalta que a “precária estruturação do mercado de trabalho brasileiro e os ataques que a legislação trabalhista vem sofrendo nos últimos anos compõem o cenário no qual se insere a pandemia, desafiando a capacidade do Estado de fazer frente a este crítico momento da história.”

Seguindo ainda nesse contexto, encontram-se inseridos os trabalhadores informais que estão mais suscetíveis aos efeitos da crise econômica, já que não

possuem direitos como Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e seguro-desemprego. Segundo Costa (2020, p. 971), a pandemia

> [...] atinge com maior intensidade a população que vive na informalidade e reside em áreas precárias, ou seja, que tem rendimentos baixos e irregulares, sem acesso à água potável, moradia digna, sistemas privados de saúde e sistema de proteção social vinculado à carteira de trabalho assinada, como férias, salário mínimo, 13º salário, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), licença-maternidade, licença médica e seguro-desemprego.

Em São Luís, com as medidas preventivas e o isolamento social, a maioria das empresas e locais considerados serviços não essenciais tiveram que fechar. Leite, Santos e Leite (2020, p. 120) enfatizam que apesar de não terem impacto no primeiro trimestre de 2020, tiveram “suas portas fechadas devido às medidas preventivas estabelecidas durante isolamento social, principalmente em São Luís que foi a primeira cidade do Brasil que aconteceu o lockdown.”

Não obstante, a Feirinha São Luís teve que cessar suas atividades, ficando sem funcionar por cerca de oito meses e retornando somente no final de dezembro de 2020, impactando na vida das pessoas que ali trabalhavam e ganhavam o seu sustento, como artesãos, microempreendedores, produtores locais e grupos culturais. Sem falar que, de modo geral, os artesãos, trabalhadores informais, têm pouco acesso às políticas públicas e acabam sofrendo com os impactos ocasionados pela pandemia, principalmente na saúde e na economia. Vale ressaltar que a comercialização dos produtos, a incluir a produção artesanal, representa uma opção de emprego e renda, que muitas vezes é revestida por uma ‘falsa’ política de inclusão, condições de trabalho precário e acentuação da divisão de trabalho.

Levando-se em consideração que tal espaço pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico, combate ao desemprego e a falta de renda, minimizando assim os efeitos da pobreza e inserindo a comunidade que vive nesse entorno (SANTOS; SANTOS; MARQUES, 2020), e sem deixar de considerar as situações das quais pode revesti-lo, é que se levanta a problemática desta pesquisa: quais os efeitos da pandemia para trabalhadores artesãos que vendiam seus produtos na Feirinha São Luís e retornam suas atividades após quase oito meses sem funcionar?

Nesse sentido, objetiva-se analisar os impactos econômicos da pandemia na atividade artesanal de trabalhadores da Feirinha São Luís, no estado do Maranhão. A intenção com este estudo é gerar informações sobre os efeitos que a pandemia produziu no trabalho de artesãos que obtinham o seu sustento da venda de seus produtos na Feirinha São Luís e, com a paralisação das atividades, como se mantiveram. Além disso, busca-se subsídios para entender o papel do poder público durante a paralisação e com a retomada das atividades da Feirinha São Luís, pois acredita-se que:

> O incentivo à produção artesanal constitui, portanto, uma forma alternativa de incentivo às economias de base local, assegurando a preservação da cultura local, bem como a geração de emprego e renda para inúmeras famílias, considerando que grande parte dessas pessoas encontra no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem-estar de seus familiares (LEMOS, 2011, p. 15).

A metodologia adotada foi de caráter exploratório e descritivo, que busca maior envolvimento com a problemática apresentada, estimulando a compreensão através da descrição dos fatos e fenômenos de uma determinada realidade (GIL, 2007; TRIVIÑOS, 1987). Para compor o universo da pesquisa, foram entrevistados 14 artesãos que vendem seus produtos na Feirinha São Luís, nos finais de semana de dezembro de 2020 e janeiro de 2021. O estudo enveredou pela pesquisa de trabalho de campo, por ter ocorrido algumas ações de levantamento de dados empíricos (GIL, 2007), a saber: reconhecimento do espaço da Feirinha de São Luís, a organização do evento e realização das entrevistas. As mesmas foram realizadas individualmente, em que cada participante assinou um termo de consentimento sobre o uso do material coletado. No quadro 1, observa-se a estrutura das entrevistas:

Quadro 1 – Estrutura das entrevistas

PERFIL DO ARTESÃO	IMPACTOS DA PANDEMIA	RETOMADA DAS ATIVIDADES NA FEIRINHA
Gênero, idade, escolaridade, bairro, naturalidade, o que produz, quanto tempo está trabalhando na Feirinha São Luís e a exclusividade da renda	Paralisação devido a pandemia, recebimento de algum auxílio governamental (estadual ou federal), tempo para recebimento do auxílio, suficiência do auxílio para suprir as necessidades	A adoção dos protocolos de saúde (se sim, quais, se não, por quê), recebimento de treinamento de protocolos de segurança (se sim, de quem), as iniciativas que os organizadores da feirinha tem desenvolvido para minimizar os impactos da pandemia sobre os

pelo artesanato (e se não, qual outra atividade realizada.	básicas e como ficou a forma de sustento durante a paralisação das atividades.	artesãos e o que pode haver de melhoria para minimizar os impactos da pandemia sobre os artesãos da feirinha.

Fonte: autoras (2020)

A análise do material coletado em campo e no levantamento bibliográfico e documental foram organizados e classificados em uma planilha de Excel para gerar os gráficos. A pesquisa seguiu uma abordagem mista, caracterizada como qualitativa e quantitativa que, de acordo com Richardson (1999), compreende um método misto de pesquisa que engloba planejamento da pesquisa, coleta dos dados e análise da informação, oferecendo maiores possibilidades de análise do objeto.

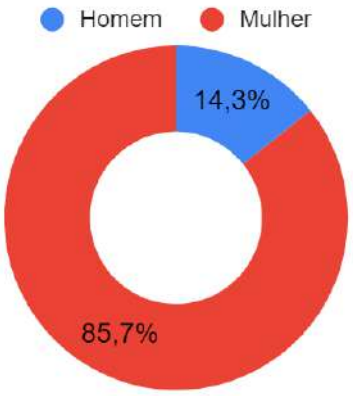
2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, procurou-se analisar quais os impactos econômicos da pandemia na atividade artesanal de trabalhadores da Feirinha São Luís, no estado do Maranhão. O setor de serviços foi um dos mais afetados pela crise sanitária e pelas políticas de mitigação, pois limitou o acesso das pessoas e muitos negócios foram suspensos, afetando assim a produção, renda e emprego. Nesse sentido, estrutura-se a apresentação dos resultados conforme o perfil dos entrevistados, os impactos da pandemia e a retomada das atividades na Feirinha São Luís.

2.1 Perfil dos artesãos

Através dos dados coletados com quatorze artesãos, obteve-se o perfil destes, em que a maioria se auto-identificou como mulher, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1: Gênero dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Percebe-se a prevalência de mulheres do ramo artesanal, com 85,7% dos entrevistados, e apenas 14,3% são homens. Esse resultado vai de encontro com a visão do artesanato ser considerado um "ofício feminino", na medida que as artesãs são a base dessa atividade, como observam Barbosa e D'Ávila (2014, p. 142) que

> [...] a questão da divisão sexual do trabalho se apresenta na característica do ofício, sendo ele 'feminino' uma vez que está atrelado a 'delicadeza' do fazer minucioso, o princípio da separação, e sendo um complemento ao orçamento, o princípio hierárquico.

A mulher artesã no cenário cultural é historicamente retratada por conceitos ambíguos de valorização de divisão do trabalho entre homem e mulher, sendo as atividades de artesanato naturalizadas como papéis sociais de mulheres. Conforme Hirata (2007), essa forma de divisão social do trabalho estrutura-se por dois princípios organizadores:

> [...] o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a "papéis sociais" sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA, 2007, p. 599).

No caso das artesãs da Feirinha São Luís, o artesanato produzido por elas envolve confecção de miudezas, como bijuterias, peças de roupas, calçados e utensílios pequenos de decoração. Em contraponto, os homens apresentam uso de materiais mais robustos, como esculturas de madeira e quadros.

Já em relação à idade dos indivíduos, os dados revelaram que grande parte possui idade superior a 45 anos (85,71%), seguido de 14,29% dos sujeitos têm entre 32 e 45 anos. A faixa etária de 18 a 32 anos não gerou registros durante a aplicação da pesquisa, representando 0% das respostas. Ocorre, na Feirinha São Luís, a mesma situação na maioria das cidades brasileiras, em especial na cidade de Chapecó (Santa Catarina), onde Leite e Sehnem (2018, p. 274) constatam que "[...] há uma lacuna a ser suprida: a inclusão de pessoas mais jovens por meio do estímulo de seu ingresso no setor, para que ele possa se renovar e se perpetuar [...]."

Sobre a escolaridade dos artesãos, identifica-se a prevalência de diplomados em nível Técnico ou Superior (57,14%), seguidos pelos formados em nível Médio Completo (35,71%) e Ensino Médio Incompleto (7,14%). Os entrevistados não relataram possuir menos que o grau de ensino Médio, ou seja, nenhum assinalou possuir formação de nível Fundamental. Assim, percebe-se a predominância de artesãos com o grau de escolaridade Técnico ou Superior, o que demonstra que a atividade artesã na feirinha não é realizada como necessidade básica pela maioria dos entrevistados, pois grande parte possui formação profissional em outras áreas.

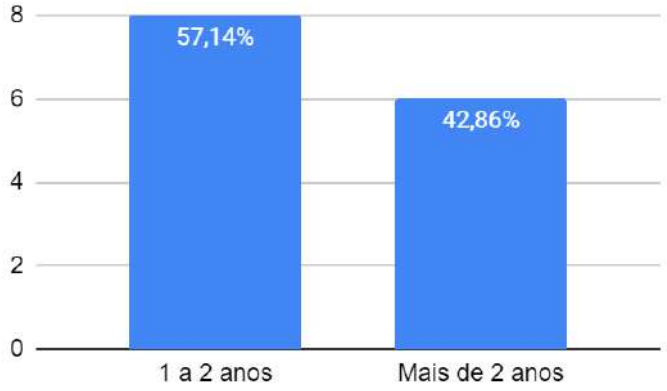
Cada artesão entrevistado relatou o uso para produção dos seguintes materiais e a comercialização dos seguintes objetos: feltro, bolsas diversas, necessaire, mochila, chapéus, doces, uso de materiais de tecido e lã (bonecas, bolsas, etc), bijuterias, confecção de bolsas com caixa de leite, boneco, sacola, jóias, sandálias, decoração em madeira, quadros de arte sacra, cadernos personalizados, coreira de pano, costuras, chaveiros e lembrancinhas. Os produtos artesanais apresentam-se com rica diversidade e feitos de matéria-prima sustentável e de baixo custo, além da comercialização de materiais fabricados que representam a cultura maranhense. Barbosa e D'Avila (2014, p.143) nos atenta para a necessidade de reconhecer essas peças artesanais como um processo.

> No campo dos estudos da cultura material, as peças artesanais, sua forma, pintura, o material de que são feitas e por quem são realizadas, sendo objetos com representações físicas que carregam em si significados sociais e simbólicos, talvez não tragam em si uma sociedade e uma cultura inteira, mas boa parte delas. Assim, as peças artesanais devem ser compreendidas como um processo e não um resultado, localizadas historicamente e

> inseridas em relações sociais nas quais são significadas pelo homem e capazes de elucidar seu contexto humano e social através de seu movimento.

Já o tempo de Feirinha dos entrevistados se encontra demonstrado pela contagem a seguir (gráfico 2):

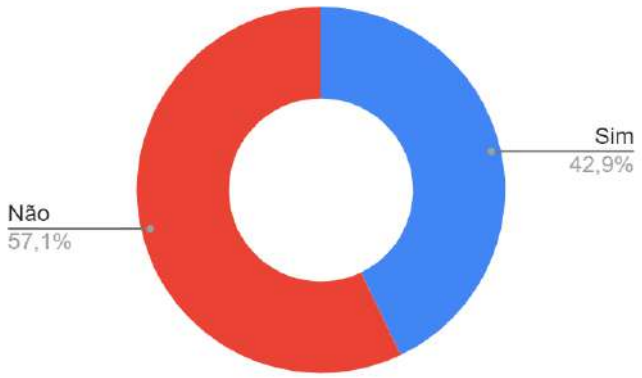
Gráfico 2 - Tempo de Feirinha dos entrevistados



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Há pelo menos 1 ano (57,14%) de trabalho entre a maioria dos artesãos, chegando até um tempo de mais de 2 anos (42,86%) e que pode estar associada à questão da renda dos artesãos. Ao serem questionados sobre se a renda dos feirantes é derivada exclusivamente da ação realizada no evento municipal, gerou-se as seguintes respostas (gráfico 3):

Gráfico 3 - Renda



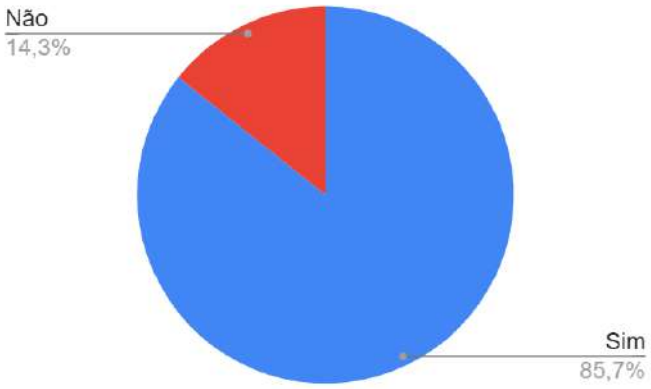
Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Os artesãos que possuem a renda exclusiva do artesanato formam minoria na pesquisa, com 42,9%, sendo que a maior parte apresenta outras fontes de renda (57,1%). Foram citadas como fontes de renda para além do artesanato: aposentado, loja, pensionista, assessora jurídica, venda autônoma, funcionário público, costureira e policial aposentada. Observa-se, portanto, que a renda que resulta da produção artesanal é complementar ao orçamento da família, não sendo a exclusiva e principal para a maioria dos entrevistados.

2.2 Impactos da pandemia

A pandemia do COVID-19 afetou diversas instâncias da sociedade e o artesanato foi uma atividade econômica que não escapou. Por conta do distanciamento e dos protocolos de saúde, questionou-se aos participantes se houve paralisação nas suas vendas com o fechamento da Feirinha São Luís durante a fase crítica da pandemia, demonstrada no gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 - Paralisação durante a fase crítica da pandemia



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Das quatorze pessoas entrevistadas, doze (85,7%) relataram que ficaram paradas durante a fase mais restrita do coronavírus, sendo exposto por eles que desde março de 2020 o funcionamento se encerrou e a retomada do movimento se deu pelo mês de outubro. Apenas 14,3% continuaram suas atividades, o que pode inferir àqueles que dependiam exclusivamente da renda provinda do artesanato. Diante do exposto, observa-se que com a paralisação, as formas de sustento dos

feirantes tiveram que se adequar à nova realidade pandêmica, sendo apontados o uso das redes sociais, delivery, utilização de economias e reservas anteriores e ajuda financeira por meio de empréstimos e uso de auxílios emergenciais.

Em relação aos auxílios, os entrevistados responderam a pergunta sobre o recebimento de algum auxílio financeiro por parte do poder público, onde metade afirmou que não recebeu nenhum auxílio e os outros 50% citaram a obtenção dos benefícios financeiros que se distribui segundo o seguinte quadro:

Quadro 2: Recebimento dos Auxílios Governamentais

Tipos de auxílio	N°
Auxílio Emergencial do Governo Federal	4
Auxílios Federal e Estadual	3

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Houve maior ocorrência do recebimento exclusivo do Auxílio Emergencial do Governo Federal, além dos casos que adquiriram ambos os auxílios de custo, Federal e Estadual. De acordo com Monte (2020, p. 3)

> Como forma de minimizar o efeito da pandemia na sociedade e a perda do poder de compra do trabalhador, o Governo Federal, através da Lei No 13.982 de 2 de abril de 2020, instituiu os parâmetros de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício denominado Auxílio Emergencial (AE) durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19).

O auxílio emergencial governamental foi criado para fornecer proteção aos trabalhadores informais, autônomos, desempregados e microempreendedores individuais no período de enfrentamento à pandemia, com valores que variaram entre R$600,00 e R$1.200,00 (MONTE, 2020). Vale ressaltar que o Maranhão assumiu o ranking dos estados brasileiros que teve maior celeridade na concessão do benefício no mês de abril de 2020, chegando a beneficiar cerca de 1.336.439 pessoas, sendo que destas 915.216 receberam auxílio de R$600,00 e 421.223, o auxílio de R$1.200,00[3].

[3] Dados extraídos do Acompanhamento Auxílio Emergencial por Unidade Federativa e Grandes Regiões (Referência: 14/12/2020). disponível em: https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/sagi/relatorios/deolhonacidadania_3_2202.pdf.

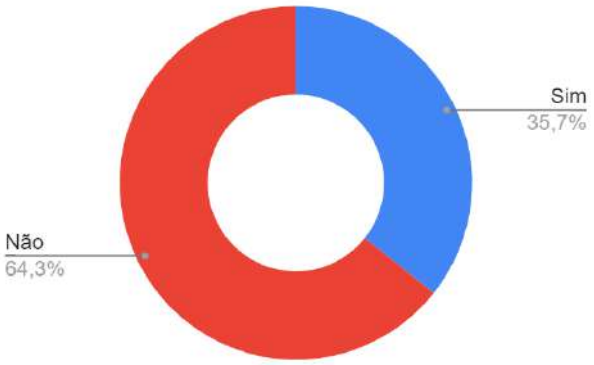
Dos sete que obtiveram ajuda econômica, o tempo despendido para receber o auxílio emergencial não foi grande, pois a minoria (14,29%) recebeu com mais de 3 meses de espera, assim como não teve rapidez excepcional ao não receberem em menos de 1 mês (28,57%). O meio termo entre 1 a 3 meses teve maior ocorrência, com 57,14% das respostas. Foi questionado ainda, aos que receberam, se o valor da ajuda financeira foi eficiente para sustentar os itens essenciais dos participantes da pesquisa. Dos sete que obtiveram alguma ajuda financeira, seis declararam que a quantia não foi suficiente para suprir as necessidades básicas durante os meses com as atividades paradas, simbolizando 85,71%. Vale ressaltar que embora a pandemia tenha desencadeado medidas emergenciais, “no que diz respeito ao direito do trabalho houve apenas continuidade do que já estava sendo implementado no país, isto é, a legalização do trabalho precário, informal e terceirizado.” (BRITO, 2020, p. 225).

Quanto aos protocolos de saúde em combate à COVID-19, os entrevistados asseguraram de forma unânime o cumprimento de todas as regras e indicações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a devida segurança sanitária, sendo estes o uso de máscaras, álcool em gel e o distanciamento social.

2.3 Retomada das atividades da feirinha

Para a retomada das atividades da Feirinha São Luís, foi perguntado aos participantes da pesquisa a existência de algum treinamento prévio para o correto respeito às normas sanitárias. As respostas ficaram organizadas da seguinte forma:

Gráfico 5 - Recebimento de treinamento sobre os protocolos de segurança



Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Mesmo disponibilizando treinamentos e capacitações de retomada das atividades da Feirinha São Luís por parte da organização, 64,3% informaram que não participaram e apenas 35,7% tiveram participação nos treinamentos e de forma Online. Diversas iniciativas foram realizadas pela equipe de planejamento do evento, dentre as quais os feirantes citaram a melhoria da infraestrutura, o cumprimento dos protocolos, rodízio dos vendedores, orientações para venda e vigilância contínua.

A fim de minimizar os impactos da pandemia sobre os artesãos da Feirinha, os entrevistados sugeriram melhorias no andamento do evento que gerou opiniões semelhantes, dispondo-se da seguinte forma:

Quadro 3 - Relação das melhorias e o número de vezes citadas pelos entrevistados

Melhorias citadas	Vezes citadas pelos feirantes
Planejar programação	2
Tornar a feirinha permanente a partir de decreto	1
Levar o produto onde o cliente estiver	1
Organização	2
Qualificação do artesão (ex: curso de vendas)	2
Melhorar infraestrutura	2
Melhorar a confiança dos compradores de ir à feirinha	1
Mais divulgação	4
Nada a melhorar	2

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Assim, o anseio por mais divulgação foi a principal ocorrência, sendo exposto a necessidade que os artesãos sentem na disseminação da retomada das atividades da Feirinha São Luís. Após o desejo de mais publicidade, a opinião dos feirantes revelou também a preocupação de haver mais planejamento da programação, mais organização, mais qualificação do artesão — como exemplo citado durante as

entrevistas, um curso de vendas e um curso de manuseio das redes sociais como auxiliar da comercialização dos produtos — e melhoria da infraestrutura, além do ponto de vista de alguns da ausência de qualquer melhoria específica. Depois dessas afirmações já citadas, outros pensamentos sucederam durante a pesquisa em campo, onde os participantes indicaram melhorias como “tornar a feirinha permanente a partir de decreto”, “levar o produto onde o cliente estiver’ e “melhorar a confiança dos compradores de ir à feirinha.”

3 CONCLUSÃO

A Feirinha São Luís possui um papel importante em relação à divulgação e comercialização dos produtos regionais e do fortalecimento da cadeia produtiva. É um espaço dinâmico que aproxima turistas, moradores e feirantes em prol da diversidade cultural, do reconhecimento e pertencimento do lugar. Contudo, observa-se que com a suspensão das atividades, os impactos foram severos aos trabalhadores que dependiam do espaço para vender seus produtos.

A pesquisa demonstrou a atual situação dos artesãos da Feirinha São Luís perante a crise econômica e de saúde, que incidiu sobre a classe trabalhadora a partir da paralisação de suas atividades por conta das medidas preventivas e o isolamento social. Percebe-se que por conta da pandemia, a maioria dos entrevistados afirmou que teve que suspender as produções e vendas do artesanato, entre os meses de março a outubro de 2020. E como alternativas, buscaram incrementar sua renda de outras maneiras, com as vendas online e delivery, ou utilizaram reservas anteriores, fizeram empréstimos ou obtiveram auxílios emergenciais.

Quanto ao papel do Governo/ Estado, observa-se que apenas a metade dos entrevistados obtiveram auxílio durante a suspensão, o que demonstra que o acesso às políticas públicas de combate a pandemia é restrita, segmentada dentro do próprio grupo de entrevistados.

Portanto, espera-se com a retomada das atividades ações mais efetivas e contínuas de enfrentamento aos efeitos da pandemia por parte das entidades governamentais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Vera Lucia; D'ÁVILA, Maria Inácia. Mulheres e artesanato: um 'ofício feminino' no povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, Vol. XVII nº 1; jan-jun, 2014. pp. 141-152. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/28197/1/Artigo%20VLEB.pdf. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

BRITO, Rose Dayanne Santos de. Direito do trabalho na contramão: a precarização como regra. **R. Katál**., Florianópolis, v. 24, n.1, p 220-227, jan./abr. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/75270/45924. Acesso em: 02 de junho de 2021.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública,** Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 969-978, jul./ago. 2020. Disponível: https://www.scielo.br/j/rap/a/SGWCFyFzjzrDwgDJYKcdhNt/?lang=pt. Acesso em 22 de junho de 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HIRATA, Helena. Novas configurações de divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37. n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LEITE, Anderson Aquiles Viana; SEHNEM, Simone. Proposição de um modelo de gestão sustentável e competitivo para o artesanato. **Cadernos EBAPE.BR**, vol. 16, núm. 2, pp. 264-285, 2018. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/3232/323257391008/html/. Acesso em: 02 de junho de 2021.

LEITE, Júlia Cristina Lucas; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; LEITE, Ângela Roberta Lucas. **Rev. Tur. & Cid.,** São Luís, v.2, edição especial, p. 104-122, set. 2020. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/15182/8072. Acesso em: 22 de junho de 2021.

LEITE, Kelen Christina. A (in)esperada pandemia e suas implicações para o mundo do trabalho. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240215. Acesso em: 22 de junho de 2021.

LEMOS, Maria Edny Silva. O **artesanato como alternativa de trabalho e renda:** Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2011.

MONTE, Paulo Aguiar. Auxílio Emergencial e seu impacto na redução da desigualdade e pobreza. In: **XXV Encontro Regional de Economia.** 28 e 29 de outubro de 2020. Disponível em: http://www.anpec.org.br/novosite/br/xxv-encontro-regional-de-economia--artigos-selecionados. Acesso em: 02 de junho de 2021.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Karolyne da Luz dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; MARQUES, Ana Rosa. Percepção dos atores sobre a Feirinha São Luís como espaço de incentivo à economia solidária e ao turismo. **Ciência Geográfica**, Bauru, XXIV, vol. XXIV, n. 3, Janeiro/Dezembro, 2020. https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_3/agb_xxiv_3_web/agb_xxiv_3-05.pdf. Acesso em: 22 de junho de 2021.

TELES, A. L. A; ARAÚJO, G. A.; ROCHA, R. C. S. C. A sobrevivência do urbano: os artesãos da Feirinha da Praia Grande de São Luís. Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 16, Brasília, 30 de outubro a 3 de novembro de 2019. Disponível: https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/210. Acesso:01 de junho de 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.